

**BIBLIOTECA VIRTUAL DE CIÊNCIAS HUMANAS**

**PT - A LÓGICA DA  
DIFERENÇA**

**Margaret E. Keck**



centro edelstein de pesquisas sociais  
[www.centroedelstein.org.br](http://www.centroedelstein.org.br)

## Front Matter / Elementos Pré-textuais / Páginas Iniciais

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

KECK, ME. *PT – A lógica da diferença: o partido dos trabalhadores na construção da democracia brasileira* [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010. pp. 2-10. ISBN: 978-85-7982-029-8. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

---



All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

Margaret E. Keck

Esta publicação é parte da Biblioteca Virtual de Ciências Humanas do Centro Edelstein de Pesquisas Sociais – [www.bvce.org](http://www.bvce.org)

Copyright © 2010, Margaret E. Keck  
Copyright © 2010 desta edição on-line: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais  
Ano da última edição: 1991

# **PT - A lógica da diferença**

## **O partido dos trabalhadores na construção da democracia brasileira**

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer meio de comunicação para uso comercial sem a permissão escrita dos proprietários dos direitos autorais. A publicação ou partes dela podem ser reproduzidas para propósito não-comercial na medida em que a origem da publicação, assim como seus autores, seja reconhecida.

ISBN 978-85-7982-029-8

Centro Edelstein de Pesquisas Sociais  
[www.centroedelstein.org.br](http://www.centroedelstein.org.br)  
Rua Visconde de Pirajá, 330/1205  
Ipanema – Rio de Janeiro – RJ  
CEP: 22410-000. Brasil  
Contato: [bvce@centroedelstein.org.br](mailto:bvce@centroedelstein.org.br)

Rio de Janeiro  
2010

 **centro edelstein de pesquisas sociais**  
[www.centroedelstein.org.br](http://www.centroedelstein.org.br)

## PREFÁCIO

*Paulo Sérgio Pinheiro*

Este livro é o estudo de uma anomalia. É o alerta que Margaret Keck faz logo no início do livro. Porque a existência do Partido dos Trabalhadores é uma completa irregularidade e anormalidade no âmbito do sistema partidário brasileiro e na história política brasileira. Pela primeira vez, um partido podia se reivindicar uma presença sólida na classe operária e propor um programa que traduzisse com clareza essa representação.

Essa novidade põe em relevo o fato de que outros partidos no período republicano, que pretenderam representar a classe operária, na realidade tiveram de se valer de intermediários diversos, fora da própria classe trabalhadora. Não se pretende com esse reconhecimento postular que os outros dois partidos mais emblemáticos (e não menos problemáticos...) que reclamaram essa representação, o PCB e o PTB, não tivessem bases operárias. Mas tanto um, reivindicando o papel de representante privilegiado da classe trabalhadora, como o outro, articulando bases sociais mais diferenciadas, jamais tiveram condições de fazer com que esse vínculo preferencial determinasse sua atuação.

De fato, a situação dos comunistas no quadro internacional mais amplo estava sobredeterminada pela política do Estado soviético, e a do PTB foi mamada pelos limites das relações preferenciais com os projetos populistas no Estado. Evidentemente, essas vinculações não impediram que tanto o PTB como o PCB pudessem desenvolver, em inúmeras conjunturas, intervenções e políticas autônomas desses laços de dependência e intervir em defesa dos interesses da classe operária.

O Partido dos Trabalhadores, ainda que liberado desses laços, terá de se referir, necessariamente, desde a sua fundação, a essas tradições e a essas heranças. E a avaliação de seu desempenho certamente será feita à luz dessas práticas de outros partidos ligados às classes trabalhadoras. Em nenhum momento o livro perde esses parâmetros porque consegue reconstituir, com grande rigor, essas heranças na prática partidária do movimento operário.

Mas o Partido dos Trabalhadores, se não conta com os obstáculos dessas ligações, além da própria política da classe operária, será marcado

desde os momentos fundadores por uma conjuntura específica, a transição política. Maiores desafios para um partido que não contava, ao contrário de seus *adversários-referência*, com a experiência histórica de outras transições. O Partido dos Trabalhadores será marcado pela experiência única de surgir dentro dos marcos da ditadura militar e da iniciativa de sindicalistas no interior do sindicalismo oficial. O livro mostra como o PT irrompe num emaranhado de vários tabuleiros de xadrez com embates que se processavam simultaneamente entre: os militares e as oposições democráticas; as discussões sobre o cronograma e a extensão da abertura política; os debates sobre as visões conflitantes da abertura.

Margaret Keck já havia nos dado em português seu belo ensaio sobre o “novo sindicalismo” na transição brasileira, publicado no magistral balanço da transição, organizado por Alfred Stepan, *Democratizando o Brasil* (Paz e Terra, 1988). Agora, retoma aqui com profundidade todos os constrangimentos de uma transição da ditadura para o governo civil. E não necessariamente para a democracia. Margaret Keck destaca a exigência do PT para que esta passagem seja de fato para a democracia. Não basta ao PT a construção de condições institucionais para uma política democrática. Projeto que terá de enfrentar todas as tortuosas vias envolvendo outras correntes democráticas nas primeiras eleições para os governos estaduais em 1982, nas quais o PT manterá sua individualidade diante dos apelos de unidade. E, logo depois, na mobilização das diretas e no distanciamento da sagração de Tancredo Neves pelo Colégio Eleitoral.

O Partido dos Trabalhadores, mais grave que anomalia, é um ato inesperado de criação política, como tão bem caracteriza Margaret Keck. Talvez seja essa condição que permita aliar ao rigor da pesquisa, à precisão da reconstituição, um olhar surpreendido, sem reverência solene. Porque fica clara a inovação da constituição de um partido de trabalhadores numa sociedade tão hierarquizada, separada por hiatos sociais e econômicos tão largos, de um racismo tão antioperário. E nada mais simbólico dessa proeza que a própria biografia de Lula e de tantos envolvidos na criação do partido.

Não estava escrito que o imigrante nordestino, tão igual a tantos milhões, viesse assumir o papel protagonista a ponto de candidatar-se à Presidência da República e deixando de ser eleito por uma pequena percentagem de votos no segundo turno nas eleições de 1989. Habilíssima a teia que Margaret Keck teceu entre o desenvolvimento da carreira de Lula, seu discurso, o enfrentamento dos impasses, sua prática sindical e a

evolução do partido e da conjuntura política brasileira. Sem nenhum tom hagiográfico ou de embevecimento diante dos feitos ciclóticos para um operário brasileiro, as tensões e contradições do percurso são devassadas com clareza e precisão.

Desafio maior do livro, plenamente realizado, foi situar a análise do partido além dos limites definidos das eleições e do sistema partidário, e considerar a sua atuação na relação com o movimento sindical, com outros movimentos sociais e no campo da construção das instituições políticas. Ao contrário dos outros partidos que competem no mesmo espaço político, como deixa claro Margaret Keck, o PT jamais renunciou a levar a luta em todas essas frentes. O que não foi realizado sem enormes dificuldades, pelas diferenças de ritmo, pelas temporalidades diversas entre todos esses níveis.

Fica claro que o PT, às vezes com penosos sacrifícios para o recrutamento de seus eleitores e para sua implantação, teve em toda a sua história uma compulsão para não fugir a esses bons combates. E agora, depois das formidáveis modificações que ocorreram na conjuntura político-ideológica internacional, está diante de novas e cruciais decisões. Deverá enfrentar toda a dramaticidade desses dilaceramentos, como aquele delicadíssimo da dupla militância e das várias correntes herdeiras da tradição socialista e leninista que se abrigaram no partido.

PT — A lógica da diferença nos dá uma plataforma segura, sofisticada, exaustiva para realizarmos nossos exercícios de previsão. O grande desafio será demonstrar a si mesmo, a seus eleitores e à sociedade que, apesar da presença dos elementos de opção socialista, o partido não está indissoluvelmente preso ao legado, digamos controvertido, da Terceira Internacional e do socialismo real, do autoritarismo dos projetos do marxismo soviético. Persiste a insistência da reivindicação de um socialismo que ainda resta a definir diante da débâcle generalizada dos socialismos autoritários, sem falar dos impasses de uma das vitrines mais próximas e admiradas — Cuba. Mas a riqueza das intervenções do PT, expostas por Margaret Keck, dá condições de prever a vitalidade para que essas amarras possam ser desprendidas. Porque, afinal, uma nova legitimidade pode ser reivindicada nas intervenções do PT nos movimentos sociais, além do seu campo próprio do sindicalismo, no horizonte da crítica da violência ilegal, dos direitos humanos da terceira

geração, da ecologia, da proteção de gênero e da infância. Nada está garantido, mas Margaret Keck na sua abrangente e fina análise expõe os rumos que essa mudança de curso poderá desencadear. Um livro que conta para a apropriação de um gesto político inesperado e para percebermos os fios que poderão tecer a nova trama.

## APRESENTAÇÃO E AGRADECIMENTOS

Há dez anos, quando comecei a estudar o Partido dos Trabalhadores, frequentemente tinha de responder a perguntas confusas de cientistas sociais brasileiros e estrangeiros sobre o que me levava a pensar que valia a pena estudar o PT. Com certeza, havia boas razões para acreditar, no início dos anos 80, que ele seria um fenômeno de curta duração; a maneira pela qual se diferenciava dos outros partidos brasileiros e não se enquadrava nas características predominantes da transição brasileira para a democracia, bem como as sérias dificuldades com que se defrontava em seus primeiros anos de existência, parecia fadada a sobrepujar os melhores esforços de seus líderes e de quantos o apoiavam. Tal como o próprio PT, este estudo baseou-se em uma aposta — a de que, mesmo em um contexto dominado por poderosas forças continuísta, existia um espaço para a inovação no panorama político brasileiro. Apesar de provas irrefutáveis em contrário, o partido continuou a difundir sua visão diferente de política, ou seja, o estilo “vamos imaginar que fosse possível”. Em 1991, dois anos depois de o candidato do PT quase ter chegado a conquistar a Presidência da República na primeira eleição presidencial direta em quase três décadas, um estudo como esse já não precisa mais de justificativas. Não obstante, muitos dos problemas que a sua criação suscitou e fez incluir na agenda política brasileira — tanto para o próprio partido quanto para o processo de democratização no país — continuam sem solução.

O cerne deste estudo está nos anos de formação do partido, do final dos anos 70 ao início da década de 80. A maior parte da pesquisa de campo foi realizada em 1982 e 1983; desde então, tenho viajado quase anualmente para o Brasil e continuado a seguir a evolução do PT. Embora inclua no texto alguns desdobramentos da segunda metade da década de 80, concentrei-me nos desafios com que o partido se defrontava durante seu período de formação, enfatizando sua interação com o movimento operário, especialmente na área da Grande São Paulo. Esse ponto de vista comporta vantagens e desvantagens. Embora nos forneça uma boa perspectiva para avaliar alguns aspectos da dinâmica geral do desenvolvimento do PT em seu início, ela não é a única; existem muitas outras histórias, além das que contei aqui. Ainda é preciso trabalhar muito sobre a relação do partido com a Igreja Católica e os movimentos sociais a ela vinculados, bem como sobre

as diversas organizações de esquerda que decidiram trabalhar no interior do PT. Sobretudo, faltam estudos sobre o crescimento do partido fora de São Paulo, em especial durante a segunda metade dos anos 80, quando passou a ganhar adeptos em âmbito nacional. Sua influência sobre o eleitorado da zona rural, nos sindicatos rurais e nos movimentos dos sem-terra cresceu enormemente nesses anos, e isto não foi abordado em minha pesquisa. A atração que o PT exerce sobre os setores médios, notada no recente estudo de Leôncio Martins Rodrigues, é algo que só posso discutir de forma hipotética; também esta é uma questão que reclama urgentemente por mais trabalho. Uma vez que o partido se prepara para reavaliar o próprio desenvolvimento, nesta primeira década de existência, em seu próximo Congresso de novembro de 1991, pode-se esperar que uma nova geração de analistas comece a responder a essas questões.

Não teria sido possível escrever este livro sem o auxílio de professores, colegas e amigos, nos Estados Unidos e no Brasil, bem como dos líderes e membros do PT. Na Universidade de Columbia, Douglas Chalmers e Alfred Stepan não só deram apoio como criticaram a dissertação em que se baseia este estudo, o mesmo ocorrendo com o grupo de estudos dos alunos de pós-graduação em Política Latino-Americana, que continua em atividade na Universidade. O Instituto de Estudos Ibéricos e Latino-Americanos da Universidade de Columbia financiou parte do trabalho de campo. No Instituto Helen Kellogg de Estudos Internacionais da Universidade de Notre Dame, onde trabalhei como professora associada (*fellow*) em 1985-86, Guillermo O'Donnell e Scott Mainwaring incentivaram-me de modo particular; Mainwaring comentou exaustivamente várias versões preliminares do presente texto. No Brasil, sou grata a todos os meus colegas do CEDEC, especialmente a Francisco Weffort, cujo apoio e visão crítica foram desde o início de um valor inestimável. Luís Inácio Lula da Silva, Francisco Weffort e Eduardo Suplicy abriram-me inúmeras portas no PT. Cristina Saliba ajudou-me a trabalhar com montanhas de recortes de jornais em 1982 e, nos últimos anos, tem-me acolhido, fazendo com que, longe de casa, sintam-me num lar em São Paulo. Também pude contar com bolsas de pesquisa e de viagem do Centro de Estudos Internacionais e de Área da Universidade de Yale durante o verão, e com o inestimável apoio moral e logístico da assistente administrativa do Programa de Relações Internacionais, Ann Carter Drier. Por seus comentários e outras contribuições a este trabalho, gostaria também de

agradecer a Regis de Castro Andrade. Lucia Avelar, Maria Victona Benevides, Peter Brooks, David Cameron, Marc Chernick, Emilia Viotti da Costa, Roque Aparecido da Silva, Evelina Dag-nino, William Foltz, Daniel Friedheim, Minam Golden, Luiz Eduardo González, Frances Hagopian, Daniel James, Marc Kesselman, Herbert Klein, Carol Martin, Rachel Meneguello, José Alvaro Moisés, Edson Nunes, Leigh Payne, Paulo Sergio Pinheiro, Maria Tereza Sadek, Kathryn Sikkink, Maria de Carmo Campello de Souza, Kurt Von Mettenheim, Carol Wise, além de um anônimo leitor da Yale University Press. Finalmente, sempre lembrarei das discussões sobre o PT e a democracia na América Latina que mantive durante anos com Charlie Gillespie, o qual veio a falecer algumas semanas antes de o livro ser concluído. Sua vida enriqueceu tanto seus amigos quanto o estudo da política latino-americana. Embora todas essas pessoas ajudassem a tornar este livro possível, qualquer erro ou falha de interpretação é, naturalmente, de minha responsabilidade.

Este livro é dedicado a meu marido, Larry Wright, que foi parte deste projeto, do começo ao fim, e que conseguiu não só sobreviver à sua realização como, ainda, continuar interessado.

## SUMÁRIO

1. Introdução.....	11
2. A transição brasileira para a democracia.....	37
3. A oposição ao autoritarismo e o debate sobre a democracia.....	64
4. O movimento sindical e a formação do PT.....	93
5. A estruturação do PT: legislação eleitoral e organização partidária.....	127
6. A campanha como instrumento de organização: o PT e as eleições.....	176
7. O PT E O MOVIMENTO SINDICAL.....	232
8. O PT e as instituições políticas.....	270
9. Conclusão.....	320
Bibliografia.....	341

## LISTA DAS TABELAS

Empregos na indústria manufatureira, mineração, construção civil e transportes: um quadro comparativo.....	28
Evolução da Filiação do PT – São Paulo.....	157
Evolução do percentual de voto da ARENA em relação aos votos válidos (1966-1978).....	182
Resultado das eleições para governador – Brasil – 1982.....	212
O voto e a organização em diretórios do PT – 1982.....	214
Preferências partidárias nas capitais dos estados - Novembro de 1988.....	226
Deputados federais do PT.....	227
Deputados estaduais do PT.....	228